

O DINHEIRO E A PANDEMIA DO COVID-19!

Alda Barros* (S. Tomé e Príncipe)

No momento em que estamos todos mais vulneráveis do que nunca, ponho-me a pensar na forma mais eficaz para combater o COVID-19 no mundo e em África em particular, por forma a evitar que o número de infectados e, conseqüentemente, de óbitos, continue a aumentar de forma assustadora.

Acredito plenamente que todas e quaisquer acções com o propósito de combater e vencer a Pandemia do COVID-19 no mundo deverão enquadrar-se em intervenções conjuntas que nos permitam envidar todos os esforços possíveis em primeiro lugar e, seguidamente, acções tendentes à promoção de programas educativos nas comunidades mais vulneráveis e não só espalhadas pelo mundo fora, pois a responsabilidade é comum, portanto é também nossa e, sendo nossa, temos de nos unir neste momento tão crítico das nossas vidas.

Não basta apenas o isolamento se não mudarmos os nossos hábitos, costumes e comportamentos. Estamos todos apreensivos com a situação e por isso quero aqui aproveitar para partilhar o seguinte: – acredito que a forma rápida como o COVID-19, esse tal inimigo invisível e comum, “galgou” os caminhos do mundo e tomou as direcções que bem quis e se instalou no nosso quotidiano sem pedir qualquer permissão a ninguém, deixa-me sérias e suficientes margens para uma reflexão tão cuidadosa quanto o momento bem o exige, pois defendo categoricamente que uma das melhores formas para combater o COVID-19 é, primeiramente, pararmos e repensarmos a forma como manuseamos o dinheiro no dia-a-dia, sim, o dinheiro de que todos tanto gostamos e do qual, se pudermos nunca prescindiremos, já que embora haja quem diga que o dinheiro traz felicidade, pois tal e qual o COVID-19, também circula nas nossas mãos e nas dos outros seres humanos mas não está trazendo a tal felicidade que tantos anseiam e aguardam e, presentemente, tenho a certeza de ser o maior e o mais “potente” vector do vírus que nos está a tramar a vida a uma velocidade inacreditável!

Digo que o vírus nos está a tramar pela maneira como a Pandemia se propagou, apanhando-nos desprevenidos e, como nunca é tarde, a responsabilidade de mudar

urgentemente de comportamento e contrariar o quadro actual é nossa pois, como sabemos, infelizmente nem todos têm a facilidade de ter um cartão de crédito e usá-lo a seu bel-prazer, sobretudo em alguns países africanos em subdesenvolvimento, e, para além disso, nem todo o cidadão comum tem rendimentos que lhe permita ter uma conta bancária, logo, o dinheiro que neste momento é, a meu ver, o maior disseminador do vírus, continua e continuará a circular e a ser manuseado sem grandes precauções. Sabemos que em alguns países existem várias opções de transferências, como o Moneygram, o Mobile Money ou o Western Union que, de alguma forma, descartam a necessidade de contacto directo com o dinheiro em numerário.

Acerca disso, aproveito para aconselhar todo o ser humano de boa vontade a lavar o dinheiro, sim, lavar as moedas e as notas que recebam antes de o guardarem ou de o misturarem com os outros pertences que tenham nas carteiras, pois o dinheiro é, foi e sempre será o maior portador de todo o tipo de vírus e/ou de outras doenças passíveis de contágio por “andar” de mão em mão, da mais asseada à menos limpa ou suja.

Pessoalmente, já tenho agido e partilhado este ponto de vista com algumas pessoas, mesmo correndo o risco de ouvir outras exclamarem que exagero, esta é a mais pura verdade, pois desde bem antes da primeira informação sobre o vírus que mudou as nossas vidas, a nossa rotina, hábitos e costumes, quando tenho de ir ao banco, com particular realce para os nossos dias, para além de ir de máscara e de luvas, também levo um pulverizador com álcool a 70%, um par de luvas de reserva (caso se rompam ao calçá-las ou ao descalçá-las), um frasco com gel desinfectante e também levo um saco plástico onde ponho o dinheiro que recebo, pulverizo-o com álcool e só depois amarro o referido saco plástico.

Chegando a casa, depois de todas as precauções e de desinfectar tudo quanto trago da rua, depois de me descalçar e deixar os sapatos desinfectados à porta de casa e entrar (em casa), tomo um bom banho, trato da roupa com que cheguei a casa e que entretanto embrulhei num saco plástico e amarrei quando me despi e, a seguir, ocupo-me da mais dolorosa, ou seja, do dinheiro – preparando uma bacia com água e sabão (como se fosse para a loiça) e coloco na tal mistura (de água e sabão) todo o dinheiro com que cheguei a casa, deixo por 15 minutos e, sem enxaguá-lo, distribuo-o por uma outra bacia limpa e deixo secar ao ar livre de forma segura; porém, terão de ter em

atenção se a qualidade das notas em uso permitem que sejam lavadas desta forma, pois as que uso não se deterioram e nem se desfazem, portanto, meto-as em água e sabão sem qualquer receio. A seguir, depois do dinheiro seco, guardo-o, lavo as bacias e desinfecto-as com álcool e recolho o dinheiro que será guardado no lugar habitual.

Para o bem de todos nós e por forma a estancarmos o vírus que continua a ter uma rapidez record na sua propagação no nosso meio, façamos bom uso das melhores práticas por forma a garantirmos a implementação das medidas necessárias e urgentes com vista a um combate eficaz e à erradicação total do COVID 19, sobretudo a nível das comunidades mais carenciadas e/ou vulneráveis, tais como os vendedores ambulantes, as quitandeiras ou bideiras, estando bem atentos à forma como guardam o dinheiro, por vezes no soutien ou segurando as notas entre os lábios enquanto, apressadas para não perderem a oportunidade de aproveitar vender mais este ou aquele artigo de forma impensada, apressada e ingénua!

Bem haja! Os Povos agradecem enormemente!

* A autora não segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.